

ARTISTAS (EM) CONVERSAÇÃO

As Cinco Peles: corpo, território, mundo

CONVERSAÇÃO | TALK

6 de outubro a 30 de novembro | Online
| Brasil

Programa internacional de conversações online, reunindo artistas, pesquisadores, curadores e agentes culturais do Brasil, África, Europa e Américas em dez mesas temáticas que atravessam corpo, território e mundo.

Inscrições: Artistas (em) Conversação |
www.bienalblack.com.br

Artistas (em) Conversação integra a programação da Bienal Black 2026 como um espaço de encontro, escuta e reflexão em torno de questões que atravessam a produção artística contemporânea, as práticas curatoriais e as experiências negras, não negras — mas refletidas em contextos afrodiaspóricos — e indígenas no Brasil.

Realizado em ambiente online, o programa reúne artistas, pesquisadores, curadores e agentes culturais em mesas temáticas que aproximam diferentes perspectivas, territórios e campos de conhecimento. Mais do que apresentar trajetórias individuais, os encontros propõem a conversa como prática de troca e produção de conhecimento, colocando em circulação experiências, pesquisas e modos distintos de pensar a arte e suas relações com corpo, memória, território, ancestralidade e sociedade.

As mesas serão realizadas ao vivo, via Zoom, às 19h (horário de Brasília), e posteriormente disponibilizadas no canal da Black Brazil Art no YouTube, ampliando o acesso aos debates e constituindo um registro público do programa.

Este é um programa extenso e internacional; a programação completa e eventuais atualizações também podem ser consultadas a qualquer momento no site da Bienal Black, em www.bienalblack.com.br

A participação nos encontros ao vivo é gratuita e aberta a todos os públicos*, mediante inscrição prévia.

As vagas são limitadas, e as inscrições para cada mesa serão encerradas quando a capacidade disponível for atingida.

* Consulte a classificação etária, quando indicada, na divulgação de cada mesa.

INSCREVA-SE EM
CICLO INTERNACIONAL DE
CONVERSAÇÃO
WWW.BIENALBLACK.COM.BR



ARTISTAS CONVERSAÇÃO (EM)

06/10

19h

A pele como arquivo político

O que o corpo guarda: marcas, genealogias e memórias herdadas? A mesa reúne artistas e pesquisadores para pensar o corpo negro como arquivo vivo de histórias, ancestralidades e experiências atravessadas pelo colonialismo, e a arte como possibilidade de reativar, elaborar e devolver essas memórias ao próprio corpo. A mediação será conduzida pela artista Rita, mulher negra, cuja prática estabelece relações entre corpo, arquivo, memória e ancestralidade, atravessadas também por sua experiência com as tradições afro-brasileiras.

Rita Oyakanmi

Santa Catarina

Filha de Oyá. Escreve com a luz, com Orí, oju e okan — cabeça, olhos e coração. Costura seus caminhos como artista visual com seus passos como mulher de asê, usando os pontos que aprendeu com suas mais velhas. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) e licenciada em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (2007). Integrou o "Programa de Residência Pedagógica em Artes Visuais" da CAPES, de 2022 a 2024. Compreende seu trabalho como um movimento estético e político de contar histórias, narrativas e perspectivas silenciadas pela história eurocentrada. Criada no sudoeste paulista, hoje vive e produz em Florianópolis/SC.



Crédito foto: arquivo da artista

20/10

19h



Crédito foto: Kris Dewitte

Soberania visual: o direito de narrar o próprio corpo

Como a arte histórica e contemporânea reproduziu ou subverteu o olhar colonial sobre corpos negros e indígenas? A mesa reúne artistas e curadores para discutir imagem, representação e autorrepresentação, pensando a soberania visual como prática de disputa e reconstrução de narrativas. A mediação será conduzida pelo artista guineense-português, com atuação entre fotografia e literatura, e experiência entre África e Portugal.

Welket Bungué

Guiné-Bissau / Portugal

Nascido em 1988 na Guiné-Bissau, é artista transdisciplinar, de etnia balanta. Guineense-português, reside em Berlim, mas atua artisticamente em nível internacional. É co-fundador da produtora KUSSA, faz locução para entidades internacionais e desenvolve escrita dramática, argumento de cinema, performances e teatro. É licenciado em Teatro (ramo de Atores, ESTC/Lisboa) e pós-graduado em Performance (UniRio/RJ). É cooperador-membro da Fundação GDA, membro permanente da Academia Portuguesa de Cinema desde 2015, membro da Deutsche Filmakademie desde 2020 e, desde 2021, membro da Academia Europeia de Cinema. É artista integrante do Arsenal – Institute for Film and Video Art (Berlim), cujo acervo incorpora seus filmes desde 2021.

15/10

19h

Cura como linguagem: saberes ancestrais e prática artística

Banhos, ungimentos, trançados, rezas e folhas: como saberes ancestrais de cuidado atravessam e transformam a produção artística contemporânea? A mesa reflete sobre cura, memória e ancestralidade, pensando o corpo negro como lugar de conhecimento, resistência e reinvenção. A mediação será conduzida por um artista negro brasileiro, da periferia de São Paulo, cuja prática se aproxima das perspectivas do afro-encanto e das poéticas de cuidado, espiritualidade e encantamento.



Crédito foto: arquivo do artista

Diogo Nogue

São Paulo

Artista, escritor e pesquisador da afrodíaspota, residente em São Paulo. Mestre em Artes pela UNESP. Com mais de 15 anos de carreira, investiga através das linguagens do desenho, pintura e objetos o corpo negro, simbolismos e o encantamento como procedimento. Participou de diversas exposições coletivas e individuais, como "Mãos: 35 anos da mão afro-brasileira no MAM-SP / Museu Afro Brasil". Vencedor do Prêmio Aquisição na 3ª Bienal Black Brasil em 2024. Como escritor, tem dois livros solo publicados e participação em mais 8 títulos entre antologias, ilustrados e livros de arte, como Pretos Em Contos Vol. 2, finalista do Prêmio Jabuti de 2022.

23/10

19h



Crédito foto: arquivo da artista

Performatividade e dissidência: o corpo que se recusa a se enquadrar

Como corpos dissidentes desafiavam normas de gênero, raça e sexualidade nas periferias e diásporas do Sul Global? A mesa reúne artistas e pesquisadores para pensar o corpo como território de criação, resistência e reivindicação de existência, tendo a dança e a performance como linguagens de desobediência e transformação. A mediação será conduzida por uma artista africana radicada em Portugal, atuante nas linguagens do corpo.

Marisa Paulo

Portugal

Natural de Luanda, é artista e pesquisadora de danças e movimentos de matriz africana. Nos últimos anos tem focado sua pesquisa no corpo da mulher negra na diáspora e desenvolve o corpo performático assente na ideia da performance enquanto lugar político e de revisitação de sua ancestralidade, explorando conceitos como arquivo, pertença, ciclos e herança. É autora das performances FRAGMENTOS e IN(visível), apresentadas em Portugal, Espanha, Alemanha, Bélgica e Brasil.

30/10
19h

Racismo espacial: quem tem direito à cidade?

Remoções forçadas, especulação imobiliária e periferização: como o racismo estrutura as cidades e determina onde corpos negros e indígenas podem habitar, circular e construir suas vidas? A mesa reúne artistas, pesquisadores e agentes sociais para discutir território, desigualdade e disputa pelo espaço urbano. A mediação será conduzida pelo sociólogo Matheus Gato, cuja trajetória de pesquisa aborda relações raciais, cultura, pensamento social brasileiro e processos de racialização nos espaços urbanos.

Matheus Gato

São Paulo

Pós-doutorando pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor (2015) e Mestre (2010) em Sociologia pela USP. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Foi pesquisador visitante no Hutchins Center for African and African American Studies da Universidade de Harvard (2017–2018) e na Universidade de Princeton (2013). Seus temas de investigação são: relações raciais, sociologia política e da cultura, pensamento social brasileiro, sociologia histórica, dos intelectuais, da literatura, dos regionalismos e dos processos de racialização nos espaços urbanos.



Crédito foto: site <https://www.afrocebrap.org.br/>

03/11
19h

Casas sagradas: terreiros, aldeias e espaços comunitários como territórios de resistência

Terreiros de candomblé, aldeias indígenas, quilombos urbanos e manifestações populares: como esses espaços preservam saberes e organizam formas de resistência cultural, espiritual e política? A mesa reúne artistas e lideranças do Brasil, Caribe e países africanos para pensar a casa e o território como lugares de memória, pertencimento e continuidade. A mediação será conduzida pela artista indígena Juliana Xukuru, docente da UFPE, cuja prática articula arte, território, ancestralidade e saberes indígenas.

Juliana Xukuru

Pernambuco

Artista visual, ativista, docente e pesquisadora indígena do povo Xukuru de Cimbres, da Aldeia Mãe Maria, em Pesqueira (PE). Mestre em Artes Visuais, vive e trabalha entre Pernambuco e Paraíba. Sua prática artística e investigativa parte de perspectivas decoloniais, abordando a cosmovisão Xukuru, a relação com a natureza sagrada e os encantados, os deslocamentos e formas de exploração vivenciados por mulheres indígenas. Por meio da pintura, performance e outras linguagens, recupera saberes e referências tradicionais de seu povo, afirmando o corpo-mulher-território e a presença das mulheres indígenas e de seus saberes ancestrais em espaços historicamente pouco ocupados por elas.



Crédito foto: redes sociais da artista

13/11
19h

Alianças Sul-Sul: movimentos culturais entre África, Américas e o Sul Global

Que pontes culturais e políticas aproximam movimentos negros e indígenas no Brasil, Caribe, África e Europa? A mesa reúne artistas, ativistas e pesquisadores para pensar as alianças transnacionais como práticas de resistência, criação e circulação de saberes, e como elas se traduzem em ações artísticas e curatoriais. A mediação será conduzida pelo coletivo de artistas, performers e ativistas do Museo Afrovivientes.



Crédito foto: acervo do coletivo

Hermosa Intervención

Uruguai

Coletivo uruguaio criado em 2020, formado por 23 mulheres e dissidências afrodescendentes, indígenas, migrantes e LGBTQI+ de diferentes regiões do país. Vinculado ao projeto Museu Afroviente, promove espaços de aprendizagem e reflexão sobre opressões sistêmicas, recuperando vozes e valorizando comunidades historicamente invisibilizadas. A partir de uma perspectiva interseccional e de direitos humanos, busca fortalecer sua atuação como referência cultural, questionando estereótipos de gênero e étnico-raciais e reivindicando a diversidade cultural afro e indígena do Uruguai.

18/11
19h



Crédito foto: site <https://www.museoafrocasasilvana.com/p/macas.html>

Comunidade como infraestrutura: ecologias de cuidado e sobrevivência coletiva

Como comunidades racializadas constroem redes de cuidado econômico, emocional, espiritual e territorial que sustentam a vida para além das estruturas do Estado? Diante da especulação imobiliária e dos processos de deslocamento que apagam comunidades, histórias e memórias, como preservar narrativas que não podem ser substituídas ou reproduzidas? A mesa reúne artistas, educadores e ativistas de Porto Rico para pensar o coletivo como espaço de resistência, memória, criação e sobrevivência.

Artistas e Entidades — Casa Silvana

Porto Rico

Casa Silvana é um museu localizado na zona rural de Humacao que atua no mapeamento e na representação de artistas e práticas artísticas afro-portoriquenhas, sendo o único museu de Porto Rico dedicado à arte afrodescendente. Promove a preservação, pesquisa e difusão da produção artística de Porto Rico e da diáspora africana. Por meio da Afroteca, reúne referências para o estudo das artes visuais afrodescendentes. Desenvolve ações ligadas à memória, ancestralidade, identidade, soberania alimentar e valorização de saberes tradicionais. Com perspectiva decolonial, fortalece o meio rural, descentraliza a arte e amplia a presença da cultura afrodescendente no país.

24/11

19h



Crédito foto: arquivo da artista

Afrofuturismos e indigenofuturismos: imaginar o planeta que ainda não existe

Como imaginários negros e indígenas projetam futuros que já se manifestam no presente? A mesa aproxima arte, tecnologia e pensamento crítico para discutir como algoritmos, imagens e novas tecnologias reproduzem, disputam ou ampliam esses imaginários. A partir de diferentes perspectivas, artistas e pensadores refletem sobre tecnologia como campo de disputa de narrativas, memória e poder. Que futuros são imaginados, por quem e a partir de quais dados, corpos e conhecimentos? A mediação será conduzida pela cientista de dados Zaika dos Santos, articulando tecnologia, representação e possibilidades de construção de futuros negros.

Zaika dos Santos

Minas Gerais

Cientista de dados, especialista em inteligência artificial, artista multimídia, curadora, designer, arte-educadora e pesquisadora de tecnologias emergentes. Sua atuação articula arte, ciência e tecnologia a partir do Afrofuturismo, Africanfuturism, Afropresentismo, NFTs e Web 3.0. É fundadora da Afrofuturismo Arte e STEM, iniciativa que integra inovação, educação, STEAM, artes e design generativo. Atua nacional e internacionalmente na implementação e democratização de tecnologias emergentes em diferentes setores.

30/11

19h



Crédito foto: acervo BBA

Reencantamento planetário: arte, espiritualidade e crise ambiental

Quando o colapso ambiental também revela um colapso espiritual, cultural e social, como a arte pode responder? A mesa propõe pensar o cuidado com o planeta como prática decolonial, articulando arte, arquitetura, ecologia, espiritualidade e modos comunitários de existência. Reunindo diferentes territórios e saberes, a conversa também tensiona o próprio modelo institucional da arte, a partir das experiências dos espaços e museus ocupados pela Bienal Black em Recife. Como transformar os espaços de arte em lugares de cuidado, convivência e reencantamento do mundo?

Patrícia Brito

Rio Grande do Sul

Idealizadora e fundadora da Bienal Black, curadora, museóloga, historiadora, crítica de arte e empreendedora. A Bienal Black é uma iniciativa artística e curatorial construída a partir das residências da Black Brazil Art, entendidas como espaços de experimentação, pesquisa, troca de saberes e criação coletiva. Desde 2021, articula diferentes linguagens, territórios e perspectivas decoloniais e afro-diaspóricas, valorizando tanto os processos quanto as obras e fortalecendo redes entre artistas. Colaboradora da Enciclopédia Itaú Cultural e integrante do Mapa de Curadores(as) Negras(os) do Brasil, Patrícia foi indicada ao Prêmio Açorianos de Artes Visuais 2021 pela curadoria e produção da primeira Bienal. Sua trajetória articula pesquisa, crítica, práticas curatoriais e atuação em redes nacionais e internacionais, entre elas REBRAC, IAWM e ABCA.

